CORPO e COSMO
TECNOLÓGIGO x ETÉREO

Graça Ramos

RESUMO

O artigo aborda sobre a relação biunívoca entre os espaços cosmo (macro) e corpo (micro) e seus pertencimentos em relação ao material genético que constituem ambos, e como a ciência e a arte vêm tratando de interferir neste genoma matérico modificando-o. Trata ainda de comentar como a Tecnologia e a Arte de mãos dadas vem desenvolvendo procedimentos e interferências na exterioridade do homem enquanto corpo. Em nome de um novo aspecto e auto - superação, lesa este ícone primeiro, até a morte em detrimento de um fazer contemporâneo.

Palavras-chave: Corpo. Cosmo. Matéria. Desconfiguração.

ABSTRACT

The article focuses on the two-way relationship between the spaces cosmos (macro) and body (micro) and their ownership of the genetic material that are both, as the science and art are trying to interfere in the genome matéricos modifying them. They still comment on how technology and art of hand have been developing procedures and interference in the externality of man as body. In the name of a new look and self - improvement, injure this icon first, to the death rather than to a contemporary.

Do Jardim do Éden, perpassando por diversas épocas, guerras, cruzadas e revoluções, há uma incessante busca da ciência pela gênese humana e seu desenvolvimento.

As investigações em prol do aprimoramento para alcançar a eternidade, no entanto, não conseguiram driblar a morte. Por ser um mistério, e não dominarmos este fenômeno, é que lutamos, combatendo com as mais diversas armas, no objetivo desenfreado de derrotar essa maior e mais traiçoeira inimiga do ser humano.

A ciência de braços dados com a tecnologia vem avançando na tentativa de descobrir recursos que possam servir de refúgio (abrigo), no momento de um

possível cataclismo final. Já foi entendido que tudo na natureza segue o mesmo padrão. Planetas, estrelas, galáxias e seres humanos, nascem, crescem e morrem. Nada dura para sempre! E tudo se encontra em eterno movimento. O universo, em sua complexidade, é reino de ondas, raios, correntes e vibrações. O magnetismo, a eletricidade, e a atração gravitacional vibram em tudo. Cada corpo tangível possui energia e dá forma ao que entendemos como mundo.

> Mundo não é a simples reunião das coisas existentes, contáveis ou incontáveis, conhecidas ou desconhecidas. Mas mundo também não é uma moldura meramente imaginada, representada em acréscimo à soma das coisas existentes. O mundo mundifica (Welt Weltet) e é algo mais do que o palpável e apreensível, em que nos julgamos em casa. Mundo nunca é um objeto, que está ante nós e que pode ser intuído. O mundo é o sempre inobjetctual a que estamos submetidos enquanto os caminhos do nascimento e da morte, da bênção e da maldição, nos mantiverem lançados no Ser (HEIDEGGER, 2007).

O mundo, a terra é constituída de maneira harmoniosa, ela não é fechada, ao contrário, se abre para infinitas possibilidades, pois a matéria contida nela pertence a outros mundos, ao cosmo. Na terra o homem estabelece seu habitat: Heidegger argumenta ainda que "o mundo funda-se na terra e a terra irrompe através do mundo" (Idem). Já o ser, o homem formado desse material cósico, pó da terra, carrega em si mesmo o seu material genético e energia dinâmica. O ser é matéria dinâmica e possui uma austeridade aparente, uma concentração de energia que o anima. O veículo carnal não é nada mais que um turbilhão eletrônico regido pela consciência. Cientificamente se diz que o cosmo está dentro de nós porque somos feitos da mesma matéria, material estrelar: entre outros componentes, ferro, cobre, zinco, prata, ouro, barro + água, muita água! = plasma! Igual a nós mesmos. Somos o micro incluso no macro, feitos da mesma matéria. Um só organismo.

O estudo dos **raios cósmicos** evidencia as fantásticas energias espalhadas nos universos, fornecendo e servindo aos físicos de importante instrumento para investigação sobre fenômenos das partículas atômicas e subatômicas. Neste direcionamento, os cientistas já prevêem a **anti-matéria.** Estudiosos como **Einstein, Bohrs e Planck**, ergueram grandiosas concepções, que resultaram em novas tecnologias[i].

Químicos, físicos, geômetras e matemáticos, erguidos à condição de investigadores da verdade, poderiam ser então sacerdotes do Espírito. Se a alma para eles seria o

espírito, pergunta-se, então se ela seria a anti-matéria. A anti-matéria é realmente impalpável? O espaço cósmico não é vazio, ele é preenchido de energia, denominada de anti-matéria, como afirmam os cientistas. Conseguiríamos enfim, vencer a morte, o etéreo?

ESPAÇO CÓSMICO x CORPO.

Interferências e re-configuração

Até o momento, se sabe que a terra, o planeta azul, é o único lugar do cosmo onde a **matéria** se tornou vida consciente. Na Bíblia Sagrada consta que a alma "anima", sopro de vida, somente se torna existente em contato com a carne. Para o Cristianismo, Deus ao configurar o primeiro homem o fez de barro, soprou-lhe as narinas dando-lhe vida, ânima. Portanto, carne e alma se entrecruzam para formar uma só coisa, um só elemento, um só ente ou Ser. Pensar em corpo e alma como forma separada, sem unidade, constitui uma mutilação do objeto (homem), que deve ser percebido em sua totalidade ou complementaridade.

> É assim que se põe fim à totalidade. Se toda a informação se volta a encontrar em cada uma das suas partes, o conjunto perde seu sentido. É também o fim do corpo, dessa singularidade chamada corpo cujo segredo é justamente o de não poder ser segmentado em células adicionais, de ser uma configuração indivisível (BRAUDILLARD, 1981).

Então, matéria e energia se solidificam fenomenologicamente, gerando o que se denomina vida. Portanto, existe complementaridade entre alma e corpo (matéria). Matéria que cresceu até a consciência. Consciência cósmica que se justifica e interage com o todo.

A manipulação do DNA realiza a redução aleatória ao nível de substância viva. Quanto a esse fato, Baudrillard ainda argumenta:

> **A sexualidade é testemunha (paradoxo: a clonagem vai fabricar até a perpetuidade seres sexuados, porque semelhantes ao seu modelo, enquanto que o sexo, por esse mesmo motivo se torna uma função inútil – mas, justamente o sexo não é uma função, é o que faz com que um corpo seja um corpo, é o que excede todas as partes, todas as funções diversas desse corpo).** O sexo (ou a morte: nesse sentido) é o que excede toda a informação que pode ser reunida sobre um corpo. Ora, toda essa informação está reunida onde? Na formula genética. É por isso que esta tem

> forçosamente que abrir uma via de reprodução autônoma, independente da sexualidade e da morte.

Observa-se aqui a importância da perpetuação da espécie através do ciclo normal da vida e da natureza. As diversas experimentações científicas são de enorme importância para esta perpetuação e seu melhoramento. No entanto, há que se ater à prudência nas manipulações genéticas, que ameaçam nossa substância formativa, nossa aparência. A integridade do Ser original.

Parafraseando Marcel Mauss, o corpo, instrumento inato da espécie *Homo sapiens*, quando manipulado, é transformado em Corpo-representação, ou seja, em artefato cultural que se contrapõe à fronteira que delimita aquilo que toda cultura chama de selvagem. Esse constructo filosófico nos ajuda a esquecer que somos parte da espécie animal. Em época de aceleração e avanço tecnológico, o desafio é perceber a real transformação que a tecnologia impõe na formação da subjetividade desse corpo. Em outras palavras, devemos responder como estamos nos transformando frente a esta aceleração e hegemonia da técnica.

Para Gaston Bachelard, alma e corpo se fundem num ritmo de interação chamado "dialética da duração". As percepções de ambos, corpo e espírito se alternam e se sobrepõem, obedecendo a um ritmo organizado pela consciência: "espírito, razão, sensibilidade estética, fenomenologia". Da percepção e fenomenologia se origina o fazer artístico. Labor inerente aos humanos. Por ser feitura (poesia), a arte revela a mais pura verdade. Nietzsche aborda sobre o mesmo tema no seguinte trecho:

> […] E todo o meu sonho e intento é unir
> e juntar num só todo o que é fragmento
> e enigma e horrível acaso.
> Como suportaria eu ser homem, se o
> homem não fosse também poeta e decifrador
> de enigmas e redentor do acaso?
> F. Nietzsche

Nosso corpo, este lugar poético, dotado de consciência e sensibilidade é arena de muitos acontecimentos que interagem com tantos outros fenômenos da lógica da vida. Em busca de realizações e afirmações, exploramos nosso instrumento vital. Ele

é oficina e laboratório para os mais loucos experimentos, como Andrea Fraser, quando expõe seu corpo em performances sexuais:

> Em tempos de *reality-show, sex cam* é um erotismo na potência máxima, é muito possível que a arte absorva a capacidade de ser realizada e ser vista através de performances sexuais, como Andrea Fraser investiga com sua produção. Uma elasticidade imprevista até mesmo pelo profeta dos 15 minutos de fama, Andy Warhol, mas que talvez nos deixe entrever como arte, cultura e economia, mediados por museus, colecionadores e os próprios artistas, dão valor e significado ao que ainda entendemos como sendo um internet (GUIVO, 2010).

Entre as ciências e as artes são desenvolvidas as mais variadas provas e sensações. Do consciente (razão) e do sub-consciente (emoção) é que desafiamos nossos limites, chegando ao auge de modificar nossa aparência, e quem sabe até nossa alma, nosso espírito?

O artista contemporâneo tem como meta a provocação chegando ao cúmulo de desafiar a morte como a artista e performer belga, Marina Abramovic (1946), que desde a década de 70 explora os limites do corpo e as possibilidades da mente.

,

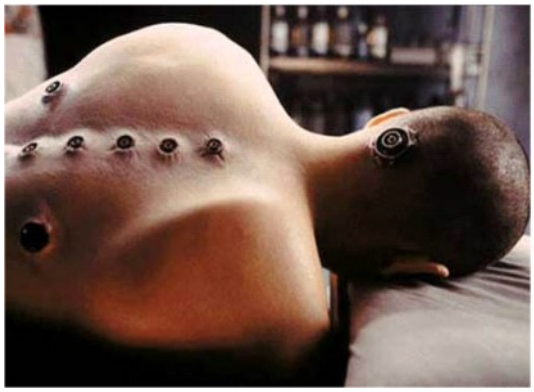
Abramovic afronta o público com a presença do seu corpo despido, se automutilando com facas ou cria situações nas quais o observador fica exposto durante horas à sua presença estática.

O artista ao interferir com a matéria corpórea prepara-se a todo instante para o inevitável fenecer. Porém, enquanto energia em movimento, não se detém, tal como

o espaço que o envolve. Ele busca a verdade do ser. No intento de provar-se matéria manipulável, desnuda-se e desoculta-se, chegando ao limiar da vida e da morte. Martin Heidegger comenta que: "na obra acontece essa abertura, a saber, o desocultar, ou seja, a verdade do ente".

No mundo contemporâneo existe um tempo de total liberdade de expressão. Liberdade conquistada duramente a partir da introdução de novos conceitos. São entrecruzamentos possíveis que extrapolam as polaridades entre passado e presente, **manualidade** e **tecnologia,** que se mesclam em prol de novas representações - re configuraçõs.

Em artigo publicado anteriormente comentei as interferências corpórea, escarificações que os africanos fazem na pele cortando a carne, criando enormes cicatrizes. A colocação de batoque (botoque) no lábio inferior e lóbulos das orelhas pelos índios botocudos do Brasil são provas vivas de que o corpo sempre foi usado como suporte pictórico e palco para as mais diversas experimentações. Em nossos dias, jovens marcam e inserem no corpo objetos, *piercings* e tatuagens, transgressões que vem ocorrendo em diversas culturas e na arte durante todos os tempos. Na tentativa de abarcar o macro espaço, ou cosmo, o artista lesa seu corpo, se mutila, faz cirurgias, modificando-se, numa ação semelhante às intervenções médicas. É o corpo em metamorfose que vai do primitivo ao contemporâneo.



Do encontro do humano com o mecânico **(**tecnológico**)**, nasce outra configuração: ciborgue, um novo ícone, que pode ser virtual ou verdadeiro. O artista como um premonitor visualiza avatares, cibercorpos inteiramente digitais que emprestam suas vidas simuladas para o transporte identificatório de usuários para dentro dos mundos para os mundos paralelos do ciberespaço.

Esse novo corpo formado por esse encontro de diferentes origens passa a fazer parte de um universo que transgride os limites. Body arte, instalação, performance, o corpo como signo são tendências de um *modus vivendi* do fazer artístico atual.

Na ontologia Cyborg, Teresa Aguilar Garcia (2008) visualiza no futuro a existência de novos seres humanos tecnológicos:

> Esta atitude tecnófila se contrapõe a outras de caráter tecnófobo, própria de pensadores como Zerzan e ativistas como Unabomber, que chamam para um debate interessante entorno do binômio cultura-natureza. Desde o âmbito tecnófilo, a filosofia transhumanista aposta no desaparecimento do corpo físico, algo que de certa forma propõe também certas visões da Cibercultura. Finalmente desde a arte contemporânea, artistas como Orlan, Sterlac y Kac trabalham sobre o conceito de corpo e tecnologia, oferecendo profundas reflexões filosóficas a partir do âmbito acadêmico.

Orlan é uma das artistas que mais vem causando polêmica no meio artístico. Ela tenta vivenciar o máximo de sensações e fazer com que a distância entre o criador e

a arte se tornasse imperceptível. O uso do corpo, mais especificamente o corpo do artista, foi o meio mais eficiente para criar tal unidade. Orlan vem explorando o corpo pela facilidade de estar ao alcance da própria mão a qualquer momento. Com sua flexibilidade sensorial para sentir dor, desejo, fadiga e liberar secreções, impôs a relativização de pudores e valores sociais, além de suscitar a efemeridade da vida e a iminência da morte, plasmadas em auto-retratos comumente intensos. Abaixo, Orlan durante uma das muitas cirurgias a que se submeteu para alterar seu rosto.

Nessas interferências o corpo é usado como território de transmissão de informação e liberdade autônoma. Le Breton (1995) "discorre sobre quanto o corpo é cada vez mais visto e tratado como obsoleto pela ciência e pela sociedade. [...] se o corpo é o que nos distingue uns dos outros, torna cada ser singular".

"Gestos, atitudes, roupas e interferências como o *body building*, a tatuagens e o *piercing* são apropriações ideológicas do corpo" (HALL, 2003).

Com matérias impalpáveis tais como energia solar, raio laser, canhões de luz, o artista projeta no espaço seus sonhos e fantasias através de imagens efêmeras, pinta poemas cromáticos a exemplo de Adolf Luther (1964) que publicou seu "manifesto cósmico em que se ocupava com arquitetura cibernética e a arte lumínica. Luther abriu para esta arte uma amplitude cósmica" (FAUST, Max Wolfgang,1988).

O arquiteto argentino Jorge Orta (1953) tem trabalhado em grandes obras efêmeras desde 1973. Vive atualmente em Paris, protagoniza uma linguagem poética urbana e social, desenvolvendo muitas formas novas e alternativas para se comunicar. Usa a arte de correio, instalações de vídeo e desempenho. Nos anos 70 deu inicio **à projeções utilizando raio laser,** aplicando conhecimentos tecnológicos,

estendendo-se até o espaço sideral, para sensibilizar a mente – corpo físico e emocional.

Hiedgger recomenda "abrir espaço, quer dizer, libertar o livre do aberto e instituir este livre no seu conjunto".

Assim como cientistas lançam foguetes e espaçonaves aos céus em busca do descobrimento de novos espaços no cosmo, atravessando a estratosfera na tentativa de autosuperar-se, os artistas utilizam os raios lasers, fazem performances, chegando ao extremo de ferir seus corpos e experimentar situações as mais estranhas, tentando até driblar a morte no intuito de ressurgir em outros mundos. Ao transpor o macro espaço, passam a interagir com ele, fazer parte dele, pois somos parte integrante dessa matéria **cósica**, numa inevitável relação biunívoca. Nossos corpos em unicidade compartilham então desse mesmo cimento cósico bem como diria Heidegger, **"uni-versos"**.

---

[i] TECNOLOGIAS: Todo processo conseqüente de uma técnica, desde o domínio do fogo ao procedimento de formulação do alfabeto e da matemática, dos métodos de ensino até a psicanálise, do invento da roda até às viagens espaciais. Todas as produções humanas originárias de técnicas podem ser consideradas tecnologias.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A Epistemologia.** Rio de Janeiro: Edições 70, 1971, p. 15-36.

---------. **A filosofia do não** - Filosofia do novo espírito científico. Lisboa: Presença, s.d.

---------. **O novo espírito científico**. Lisboa: Edições 70, s.d.

BRAUDILLARD, Jean. **Simulacro y simulação**. Lisboa: Editions Galileé, 1981.

GARCIA, Teresa Aguilar. Ontología cyborg: el cuerpo en la nueva sociedad tecnológica. Barcelona: Gedisa, 2008.

GUIVO, Adriana. **Andrea Fraser e sua artística performance sexual.** Disponível em: http://colheradacultural.com.br/. Acesso em: 29 mar. 2010.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-modernidade. Disponível em: http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/hall1.html. Acesso em: 29 mar. 2010.**

HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. Lisboa: Edições 70, 2007.

LE BRETON, David. A síndrome de Frankstein. In: Santana, Denise Bernuzi de (Org.). Políticas do Corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

NIETZSCHE, F. **http://www.consciencia.org/heideggerisabelrosete.shtml Acesso em: 29 mar. 2010.**

RAMOS, Graça. **O corpo como suporte artístico: o homem modificado.** Revista Cultura Visual. V.1, n06 – 2º Semestre, 2005. p. 58-65.

Maria das Graças Moreira Ramos (Graça Ramos)

Mestra em Arte e Educação Pensylvania State University – USA. 1980. Doutora em Belas-artes - Sevilha, ES. 1997. Professora Titular Departamento de Pintura e História da Arte EBA-UFBa Pesquisadora de arte contemporânea. MAV (Mestrado em Artes Visuais). gracaramos@hotmail.com